



Boaventura de Bagnoregio e o ensino filosófico teológico na universidade do Século XVIII

POR TEREZINHA OLIVEIRA Y
CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN

teleoliv@gmail.com
solperin01@gmail.com

O objetivo deste texto é fazer uma análise sobre a inter-relação existente entre religiosidade e educação na Universidade medieval parisiense, na segunda metade do século XIII. Nesta época, educação e religião eram partes integrantes do processo formativo da pessoa. Consideraremos duas obras do mestre franciscano Boaventura de Bagnoregio, *Itinerário da Mente para Deus* e *Redução das Ciências à Teologia*. Nosso propósito com este debate é explicitar que no medievo e, mesmo na modernidade, religião e educação caminharam juntas. Queremos recuperar o caráter histórico da questão, uma vez que, na atualidade, há uma recusa explícita quanto a influência da religião na educação. Para nós, não se trata de rechaçar ou aceitar a religiosidade como aspecto formativo do homem, mas entender porque ela é válida e importante para uma época e deixa de ser para outra, tornando-se, inclusive, sinônimo de obscurantismo. Não pretendemos travar uma disputa para averiguar se existe uma época certa ou errada. Ao contrário, a intenção é explicitar, por meio da relação entre educação e religião, o movimento da história no seio das relações sociais.

Se acompanharmos a história, na modernidade, verificamos que não houve recusa quanto a influência da religiosidade nas propostas educativas. Os autores, religiosos ou não, viam na religião um vetor importante para a realização de processos educacionais. Uma das principais obras concernentes à educação na modernidade, a *Didática Magna*, escrita por Comenius (1592-1670), está carregada do espírito de religiosidade. Em diversos momentos da obra o autor recorreu a passagens da Bíblia para ilustrar ou exemplificar suas idéias. A relação que o autor estabelece entre educação e religião é



estreita. Nessa obra, a religião é sempre usada no sentido de exemplo afirmativo de comportamento. Inferimos, inclusive, que o autor serve-se da religião para educar.

A partir de exemplos dos Escritos Sagrados o autor procura mostrar aos homens como eles devem se comportar para a vida. De acordo com ele, se o homem usar a mente racionalmente para dirigir seus atos, ele se equipara à árvore da ciência do paraíso; mais, destaca o fato de que o homem, porque imagem de Deus, possui os dons do conhecimento.

Em outra passagem da obra, Comenius nos brinda com mais uma aproximação entre os escritos sagrados e a educação. Ao defender a idéia de que a educação deve principiar logo no início da vida, ou seja, na infância, o autor remete-se novamente a uma outra passagem religiosa.

<< Acaso um Etíope pode mudar a cor da sua pele e um leopardo as suas malhas? Acaso podeis fazer o bem, vós que não aprendeste senão a fazer o mal?>> (*Jeremias, 13, 23*).

[...] as mentes simples e não ainda ocupadas e estragadas por vãos preconceitos e costumes mundanos, são as mais aptas para amar a Deus (COMENIO, 1996, p. 65).

Seu ponto de partida é, ao comparar um animal, que já nasce pronto, com o ser humano, explicitar que, quando as coisas já estão prontas e acabadas, muito dificilmente são alteradas. Por conseguinte, caso não se iniciar a educação do homem desde a sua mais tenra infância, dificilmente conseguir-se-á educá quando adulto. Exatamente por isso remete-se a uma passagem da Escritura para evidenciar que as crianças são as preferidas por Deus, porque ainda são fáceis de moldar. Assim, a educação, tal como a religião, deve ser iniciada na infância para que resulte em bons frutos.

Séculos antes de Comenius encontramos outro mestre, santo Anselmo de Bec (1033-1109) que, do interior de um mosteiro medieval, propalava esta mesma idéia que aparecerá na *Didática Magna*: de que a melhor educação é aquela que é incutida na



pessoa desde a infância, pois é capaz de moldar¹ a criança para a vida em sociedade². Em uma das cartas escritas por seu discípulo Eadmero, verifica-se este propósito do mestre Anselmo. Nela ele comparou o estado da cera com o do espírito da pessoa. Observou o mestre que, quando a cera está muito mole, é impossível moldar qualquer forma nela; o mesmo ocorre com a criança. Quando é recém nascida ainda não está preparada para aprender. Quando a cera está dura, nenhum artesão consegue dar a ela uma forma a não ser aquela que ela já tem. O mesmo acontece com as pessoas. Quando elas estão adultas dificilmente se consegue modificar seu espírito porque já está moldado de uma dada maneira. Daí a necessidade de principiar a educação das crianças assim que elas alcançam certa idade/forma, agindo do mesmo que o artífice ao moldar a cera (EADMERO, *Vida de San Anselmo*, I, 2, 16-17).

Santo Anselmo é um religioso, diferentemente de Comenius, que é um professor. Entretanto, ainda assim e apesar de pertencentes a séculos e ambiências diferentes, apresentam princípios semelhantes quanto a educação das pessoas: em ambos a religião está vinculada a educação e os dois indicaram que o melhor momento para principiar a educação é na infância.

Em Della Casa (1503-1556), religioso e escritor renascentista italiano, encontramos igualmente a estreita relação entre religião e educação. Na sua obra *Galateo ou dos costumes*, considerado um manual de bons costumes, nos moldes da *Civilidade Pueril*, de Erasmo de Roterdã, o autor dita regras de comportamento para o convívio social, todas elas entremeadas por princípios religiosos. Logo no início do texto, Della Casa

¹ Destaque-se que, quando usamos o verbo *moldar*, de acordo com santo Anselmo, não estamos pensando em formar a criança a partir de um molde, fazendo com que todas as crianças de uma sala, de uma escola ou de uma faixa etária sejam iguais em tudo. Não se trata de uma produção em série, de acordo com a produção industrial. Ao contrário, molde aqui está em relação direta com a forma que o artista dá à escultura; a obra de arte é sempre singular/única. É, pois, assim que santo Anselmo e nós concebemos a educação: trata-se de formar sujeitos singulares capazes e agir e interagir com o outro.

² Acerca da importância do mestre Anselmo de Bec para a história da educação indica-se a dissertação de mestrado de Elizabeth Custódio da Silva Ribeiro **O divino e o humano em Anselmo de Bec**: novos caminhos para a educação no século XI.



observa que Deus deve sempre ser reverenciado pelos homens e a ausência deste respeito é próprio daquele que não tem educação.

Nota que falar de Deus por brincadeira não somente é defeito de homem celerado e ímpio, mas vício de pessoa mal educada e coisa desagradável de se ouvir. [...] E não somente de Deus convém falar santamente, mas em cada pensamento deve o homem repudiar o quanto puder palavras que testemunhem contra sua vida e obra, pois os homens odeiam também nos outros os vícios próprios (DELLA CASA, 1999, p. 25).

Respeitar Deus e distanciar-se da maledicência são hábitos, segundo Della Casa, de pessoas educadas. A educação, do ponto de vista do autor, pressupõe o respeito às coisas sagradas e ao próprio homem. Por conseguinte, fazer ou ouvir maledicência é próprio de pessoas que não têm boa educação. A passagem acima destaca uma questão que é importante no âmbito da educação ética dos indivíduos: observar os vícios alheios para não cometer os mesmos erros. Ainda de acordo com Della Casa, os vícios que mais refutamos no outro, em geral, fazem parte de nossos comportamentos, somente não os enxergamos tão bem como quando praticados pelo vizinho.

A educação resulta, portanto, em determinados comportamentos que conduzem as pessoas ao respeito a Deus e aos homens, condição imprescindível ao convívio social.

Outro aspecto a ser destacado acerca da concepção de educação em Della Casa incide no fato de que a educação não provém somente do conhecimento das ciências e de regras, mas advém da prática cotidiana ao longo dos anos (DELLA CASA, 1999, p. 75).

A idéia de que a prática ‘em muitos e muitos anos’ é a que conduz à educação moral, apresentada por Della Casa, é muito recorrente nos autores da antiguidade e do medievo. Encontramo-la em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), na *Ética a Nicômacos*, quando o filósofo discorre sobre as virtudes morais necessárias ao convívio social³ e ela

³ “Como já vimos, há duas espécies de excelência: a intelectual e a moral. Em grande parte a excelência intelectual deve tanto o seu nascimento quanto o seu crescimento à instrução (por isto ela requer experiência e tempo); quanto à excelência moral, ela é o produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra “habito” (ARISTÓTELES, 1985, p. 35).



continua necessária aos dias que correm, pois nós nos habituamos a respeitar ou não as pessoas nos atos que praticamos cotidianamente.

Nestes autores que mencionamos há semelhanças quanto a suas propostas pedagógicas e, de um modo geral, formam propósitos comuns no que diz respeito à educação: a educação deve principiar na infância, ser hábito e pelo respeito à religião.

Todavia, ainda que estes autores - e são somente alguns exemplos porque a memória histórica nos deixou um grande número deles -, das mais diferentes épocas, apontem para a estreita relação entre religião e educação, atualmente, é quase inadmissível pensar uma proposta pedagógica baseada numa estreita relação entre educação e religião. Não estamos, evidentemente, considerando essa situação como acertada e os autores do passado como equivocados, ou que os homens do passado estavam certos e nós, hoje, errados. Ao contrário, não se trata de julgamentos, mas da compreensão histórica do processo. Hoje a religião, em tese, não é parte integrante da educação em virtude das relações sociais e culturais que os homens travam entre si, mas, no passado, seja na Antiguidade, no Medievo, Renascimento e Modernidade, a religião fazia parte do programa educacional e não se constituía em anomalia. As palavras de Chartier, na obra *História no Mundo Ocidental*, sobre o fato de a Igreja católica ter de criar, no âmbito da educação, um programa de cópia e leitura, é um espelho desta 'normalidade e importância' da religião na época.

O hábito de fazer com que as crianças lessem, para seus professores, versos que tinham copiado dos salmos, sem necessariamente terem aprendido antes a ordem das letras no alfabeto (a prática antiga), também era muito significativo. O método não apenas as ajudava a identificar as funções de letras e palavras no texto, mas também tinha como objetivo auxiliar as crianças a fazer a transição de uma cultura oral para o conhecimento das convenções gráficas da cultura escrita, à qual a tradição cristã devia sua possibilidade de transmissão (CHARTIER, 1998, p. 106).

Os teóricos da Igreja tinham clareza da importância de ensinar as crianças a copiarem e a lerem, pois, sabidamente, este era o principio necessário à preservação e transmissão da cultura medieval, especialmente a religiosa. Segundo Chartier, esta prática institucionalizada pela Igreja foi também fundamental para a elaboração de uma



nova forma de sociedade na qual a oralidade ia sendo substituída pela escrita. Sob esta perspectiva, os mestres medievais não somente preservavam a cultura, mas ensinavam às crianças o sentido e significado dos signos, propiciando a elas um saber que até então era desconhecido, especialmente entre os povos nômades. Assim, pela cópia e leitura dos escritos sagrados as pessoas, no medievo, aprenderam a preservar sua memória e a construíram sua história.

Diante deste cenário apresentado por autores como Comenius, santo Anselmo, Della Casa, sobre a estreita relação entre a educação e religião e o destaque dado por Chartier para o ensino da leitura e da escrita pelos religiosos medievais, fica difícil entender o motivo do fato de, quando nosso olhar volta-se para um passado mais distante, como, por exemplo, a Idade Média, o leitor, de imediato, destaca, de forma negativa, a influência que a Igreja católica exerceu na formação dos homens, por quase dez séculos, no Ocidente, entre o século V e o século XV d.C.

Em geral o ensino de história e de história da educação na educação básica reforça esta ideia, apresentando a religião católica, por conseguinte, a Igreja, como a grande fomentadora da educação neste tempo histórico. Em virtude deste domínio ou influência, os homens medievos não teriam desenvolvido o conhecimento porque sua matriz teórica estava entrelaçada ao espírito religioso. Por conseqüência, eles estavam submetidos aos mandos e desmandos desta instituição.

Este olhar está prenhe do presente e não considera as características sociais de outros tempos, não percebendo que a história é feita pelos movimentos e mudanças dos homens. Se, portanto, hoje a educação se realiza independente da religiosidade, no medievo o espírito de religiosidade era indispensável ao processo educativo e os homens deste tempo não eram mais ou menos educados do que os são os homens do presente. Tratava-se apenas de outros homens, eis a questão.

Por pensarmos a educação em sua estreita relação com a história, por termos e exercermos o ofício de historiadora da educação, é que nos remetemos ao século XIII, aos escritos de Boaventura de Bagnoregio, para neles buscarmos princípios educativos



que eram distintos dos nossos. Pretendemos com isso evidenciar as mudanças que ocorreram nos processos educativos. Nossa intenção é explicitar que a educação não é estática, que os princípios educativos do século XIII eram próprios daquele tempo, do mesmo modo que os modelos educativos de nosso tempo não são verdades inquestionáveis e eternas, assim como as de qualquer época não o foram.

É, pois, com este olhar da história que analisaremos duas obras de nosso mestre franciscano: *Redução das Ciências à Teologia*⁴ e *Itinerário da Mente para Deus*. As duas obras espelham, com nitidez, a relação que Boaventura estabelece entre o ensino teológico e o ensino filosófico. Os propósitos educativos que nelas encontramos estão piores de religiosidade; nem poderia ser diferente, pois se trata de escritos de um mestre religioso, um pregador da Ordem dos Mendicantes Franciscanos.

Principiamos por tecer algumas considerações sobre o *Itinerário*. Diversas questões foram debatidas nesta obra por grandes autoridades da filosofia do século XX, como Steenberghen, Gilson, De Boni. No entanto, nos dedicaremos a abordar três aspectos que consideramos importante dentro de nosso propósito que é a relação entre religião e educação. Trata-se das reflexões que Boaventura faz sobre os sentidos, a inteligência e a memória.

O ponto de partida de Boaventura é que o corpo humano é composto por uma série de partes que são particulares e, ao mesmo tempo, formam um todo único, ao que o mestre define como um 'pequeno mundo'.

O homem que é um 'pequeno mundo', tem cinco sentidos que são como as portas por meio das quais o conhecimento das realidades sensíveis entra em sua alma. Com efeito, pela vista entram os corpos celestes e luminosos e os corpos coloridos. Pelo tato entram os corpos sólidos e terrestres. Pelos outros três sentidos entram os corpos intermediários. Assim, pelo gosto entram os corpos líquidos; pelo ouvido, os aeriformes; pelo olfato, os vaporáveis [...]. Em resumo, os corpos simples e os corpos compostos entram em nossa alma por meio dos sentidos.

⁴ Sobre a obra *Redução da Ciência à Teologia* sugerimos o belo artigo de Mário Santiago de Carvalho, no qual ele tece considerações sobre os equívocos que são cometidos na atualidade acerca do conceito de redução em Boaventura.



Pelos sentidos, porém, não percebemos apenas as coisas sensíveis, que são objeto próprio de certos sentidos, tais como a luz, o som, o odor, o sabor e as quatro qualidades primárias que o tato apreende. Por eles percebemos também as coisas sensíveis, que são objeto comum a muitos sentidos, tais como os números, a grandeza, a figura, o repouso, o movimento. Descobrimos igualmente que “tudo o que se move é movido por outrem” e que certos seres – os animais, por exemplo – têm em si mesmos a causa de seu movimento e de seu repouso. Daí segue-se que, quando nós percebemos por meio dos sentidos o movimento dos corpos, somos induzidos ao conhecimento das substâncias espirituais que os movem, assim como o efeito nos conduz ao conhecimento de sua causa (BOAVENTURA, *Itinerário ...*, cap. II. § 3).

As partes que compõem o todo do corpo são os cinco sentidos pelos quais os homens percebem e vivenciam tudo o que os cerca. Por meio destes órgãos sentimos não só os sabores, o som, os cheiros, conhecemos pela visão e pelo tato todas as coisas materiais que existem no universo ao nosso redor. São os sentidos também que nos possibilitam conhecer os sentidos das coisas, seus valores, movimentos, dimensões. Enfim, pelos sentidos percebemos que somos parte de um todo maior. Não só o nosso corpo depende da harmonia entre os sentidos para existir como um ser único, como é esta harmonia que possibilita que conheçamos a natureza e a própria espiritualidade das coisas. Pelas sensações, segundo Boaventura, concebemos a existência de algo superior, criador de tudo.

A partir dos sentidos que criam nossas sensações e dão vazão ao conhecimento das coisas materiais e também incorpóreas, o mestre franciscano nos conduz para a importância da inteligência no ser humano. Do seu ponto de vista, decorre do uso da inteligência a superioridade dos homens em relação aos demais animais e é pelo uso da inteligência que os homens têm, em si, infundida a luz divina.

[...] a inteligência, prossequindo suas indagações com o raciocínio, repara que alguns seres não possuem senão a existência, outros possuem a existência e a vida, e outros têm a existência, a vida e o discernimento. Os primeiros são seres inferiores, os segundos intermédios e os terceiros os mais perfeitos. Vê também entre esses três que alguns são puramente corporais. Outros, ao invés, são em parte corporais, em parte espirituais. E de tudo isso deduz a existência de seres totalmente espirituais, mais perfeitos e mais dignos do que os precedentes. [...] Compreende, então, que existem outros seres que são imutáveis e incorruptíveis como aqueles que habitam acima do céu visível. É assim que o mundo visível leva o intelecto a considerar o poder, a sabedoria e a bondade de



Deus e fá-lo reconhecer que Deus possui o ser, a vida, a inteligência, uma natureza espiritual, incorruptível e imutável (BOAVENTURA, *Itinerário ...*, cap. I. § 13).

A inteligência é, pois, a essência do homem. É ela que permite que os homens não existam como os demais seres vivos, mas possam compreender a razão de suas vidas, o seu meio, a existência dos demais seres e, especialmente compreender a existência de Deus. Segundo Boaventura, é mais uma vez a luz divina que torna o intelecto humano capaz de tudo compreender. Todavia, a reflexão do mestre aponta para um duplo caminho: ao mesmo tempo em que a luz divina torna tudo inteligível ao homem, é a inteligência que torna possível aos homens compreender a existência de Deus.

Todo espírito, pois, que raciocina [...] toma luz daquela Verdade eterna e é ela que se esforça por chegar. – A conclusão evidente do que se disse é que a nossa inteligência está unida à Verdade eterna, porque sem o socorro de sua luz nada podemos conhecer com certeza. Tu, então, podes, contemplar por ti mesmo essa Verdade que te ensina, se as paixões e as imagens terrestres não te impediram, interpondo-se como uma nuvem entre si e o raio da verdade (BOAVENTURA, *Itinerário ...*, cap. III. § 3).

Eis, em cena, uma das grandes questões que acompanham os debates escolásticos dos mestres mendicantes do século XIII. Tanto são Boaventura como santo Tomás reconhecem na inteligência humana a condição primeira para a compreensão da luz divina, portanto, sem o intelecto cognitivo, o homem não compreenderia a ‘Verdade’= Deus. Entretanto, para o primeiro mestre é a luz divina que torna possível a inteligência e o homem é submisso a esta luz para compreender Deus e fazer-se um ser singular. Para o segundo, Deus incute nos homens esta luz, a do intelecto. Contudo, o faz como potencia, cabendo ao homem usá-la ou não, de acordo com sua intenção. Mestre Tomás dá ao homem uma autonomia intelectual que o mestre franciscano não concede⁵. Todavia, não adentraremos aqui neste debate texto porque fugiria do tema proposto.

⁵ Na obra *Unidade do Intelecto contra os averroistas* mestre Tomás trata com profundidade este debate.



O terceiro aspecto que destacamos como relevante no *Itinerário ...*, no que diz respeito à educação, é o debate do mestre sobre a memória. Do ponto de vista do mestre franciscano a memória está relacionada ao intelecto.

A atividade da memória consiste em reter e representar, não só as coisas presentes, corpóreas e temporais, mas também as contingentes, simples e eternas. Retém as coisas passadas com a lembrança, as presentes com a visão, as futuras com a previsão. [...] Retém também os princípios e os axiomas das ciências como eternos e para sempre. Porque, enquanto tiverem uso da razão, jamais pode esquecê-los e, dar-lhes o seu assentimento. [...] Para nos convenceremos, basta propormos a alguém este princípio: “Qualquer coisa ou é afirmada ou é negada”. Ou ainda este outro: “O todo é maior que sua parte”. Ou qualquer outro princípio que a razão admita, sem poder contradizê-lo.

Retendo atualmente todas as coisas temporais – passadas, presentes e futuras – a memória nos oferece a imagem da eternidade, cujo presente indivisível estende-se a todos os tempos. Retendo as coisas simples, mostra que essas idéias não lhe vêm somente das imagens exteriores, mas também de um princípio superior e que ela tem em si mesmo noções que não podem derivar dos sentidos ou das imagens sensíveis. Retendo os princípios e os axiomas das ciências, faz-nos ver que a memória traz em si mesma uma luz imutável, sempre presente, na qual conserva a lembrança das verdades que nunca mudam. As atividades da memória provam, portanto, que a alma é a imagem e semelhança de Deus. Pela sua memória, a alma está de tal modo presente a si mesma e Deus lhe está igualmente tão presente, que em ato o conhece e é potencialmente “capaz de possuí-lo e de fruir dele” (BOAVENTURA, *Itinerário ...*, cap. III. § 2).

A memória, além de ser parte integrante do intelecto, é essencial à existência do homem porque, por meio dela, o homem é capaz de situar-se no tempo, discernindo o passado do presente e de um previsível futuro. É pela memória que consolidamos o conhecimento porque por ela conservamos o que aprendemos, sejam das coisas subjetivas, sejam das sensitivas. Por meio da memória construímos as imagens que nos tornam sujeitos de nós mesmos, pois, em muitos aspectos, aquilo que aprendemos pelos sentidos é rapidamente esquecido se não os preservamos sob a forma de imagem na memória. De acordo com Boaventura, a memória é também a responsável pela permanência de Deus em nossas vidas, pois é por meio dela que nos lembramos que nós, seres racionais, somos a sua imagem e semelhança.

A memória torna-se o elemento importante da constituição do sujeito histórico porque é por meio dela que estabelecemos as diferenças temporais, criamos as imagens,



conservamos o que conhecemos, definimos o que é correto ou incorreto. Retomando a idéia de Della Casa, é pela repetição de nossos atos que permanecem em nós os princípios educativos e para repetirmos nossos atos precisamos nos lembrar cotidianamente deles.

Estes três aspectos da natureza humana: sentidos, inteligência e memória apontados no *Itinerário ...* como características essenciais do homem revelaram a estreita relação que Boaventura estabelece entre as ações humanas e a sua aproximação com Deus. Nestes aspectos, ainda que Boaventura submeta os homens a uma vontade/desígnio divina estes não deixam de ser sujeitos singulares.

Esta mesma vinculação entre o ser humano e Deus como criador do homem presente no *Itinerário ...* aparece também na *Redução da Ciência a Teologia*. Nas duas obras Boaventura dá ao homem o papel de pessoa única. Na *Redução ...* ele descreve um homem criador. Exatamente por isso discorre, dentre outros aspectos, sobre as artes mecânicas como luz de sabedoria⁶. Há, por princípio, de acordo com o mestre franciscano, a luz divina e dela irradia todas as demais sabedorias humanas que ele classifica também como luz por ser sabedoria, ainda que inferior, pois só a luz divina é superior. “Toda a dádiva preciosa e todo dom perfeito vem de cima, descendo do Pai das luzes, [...] Nestas palavras alude-se à origem de toda a iluminação [...] múltiplas luzes emanam daquela luz primeira, fonte de toda a luz” (BOAVENTURA, 1983, p. 207).

Para Boaventura, as artes mecânicas expressam um ‘estágio’ de sabedoria humana uma vez que ao mesmo tempo em que é resultado da iluminação divina no homem é a expressão do conhecimento e habilidade dele próprio. Em outras palavras, retrata a pessoa fazendo uso de sua inteligência, que é a parte do homem, junto com a alma, que se assemelha a Deus. As artes mecânicas são as possibilidades de ‘união entre alma e Deus’.

⁶ *Redução das ciências à Teologia* é uma das obras mais estudadas do mestre franciscano. Nela Boaventura define as ciências como luz e salienta que essa luz é emanada de Deus. Não entraremos neste debate, ainda que saibamos de sua importância, por ser um tema que se distancia de nosso objeto.



Porquanto todo o artífice que produz alguma obra, ou a produz a fim de ser louvado por ela, ou para conseguir algum proveito pessoal por meio dela, ou para deleitar-se nela, segundo os três bens próprios do que é apetecível: o bem honesto, o útil e o agradável. – Estes são, com efeito, os três fins que Deus se propôs ao criar a alma racional: para que esta o louvasse, para que o servisse e para que nele ela se deleitasse e repousasse. [...] Desta forma a iluminação da arte mecânica é um caminho para a iluminação da Sagrada Escritura, e nada se encontra nela que não proclame a verdadeira sabedoria (BOAVENTURA, 1983, p. 214).

Ao produzir uma arte, o artífice tem uma finalidade para ela e qualquer que seja este objetivo resulta em algum benefício para o criador ou para as outras pessoas. Exatamente porque a criação da arte resulta sempre em algo útil e bom aos homens que o mestre franciscano a compara com a Sagrada Escritura, cuja finalidade é sempre propalar a mensagem de Deus, que é sempre o bem/bem divino. Em suma, ambas resultam no mesmo fim: propiciar o bem aos homens.

Explicitada, em linhas gerais, a relação entre a luz divina e artes mecânicas em Boaventura, nos indagamos qual é relação delas com a educação. Para o mestre, tudo que é produzido pelo homem com a finalidade de suprir suas necessidades materiais pode ser classificado como artes mecânicas. Considerando que tudo que o homem constrói pressupõe uso de seu intelecto e ele o usa mediante o conhecimento, toda arte pressupõe aprendizagem.

A primeira luz que ilumina [...] se denomina luz da arte mecânica, a qual, por ser de certo modo de natureza servil, e ficar abaixo do conhecimento filosófico, pode com propriedade ser chamada de luz exterior. Ela se diversifica segundo sete artes mecânicas, que Hugo de São Vitor distingue em seu *Didascálicon* a saber: a do lanifício, a da armadura, a da agricultura, a da caça, a da navegação, a da medicina e a do teatro. Esta divisão pode ser aceita como suficiente, pois toda a arte mecânica se ordena ao consolo ou à comodidade, a desterrar a tristeza ou à necessidade, ao proveito ou ao prazer.

[...]

Se porém a arte mecânica for de auxílio para ambas, poderá fazê-lo de duas maneiras: ou suprimindo a deficiência, e tal é a navegação, sob a qual está abrangendo todo o comércio, tanto o referente ao vestuário como à alimentação, ou removendo obstáculos e danos, e tal é a medicina, quer considerada na preparação de xaropes, poções e unguentos, que na cura de feridas, quer na amputação de membros, o que compete à cirurgia (BOAVENTURA, 1983, p. 207-208).



Ao observarmos as atividades que o mestre define no âmbito das artes mecânicas, percebemos claramente que toda atividade humana destinada à vida prática dos homens está inserida nelas. Assim, tudo que é fruto do trabalho, tudo que pode ser transformado e movido, é arte mecânica. Boaventura considera as ações práticas das pessoas como arte, desde aquelas simples, destinadas à alimentação, vestuário e abrigo até as mais complexas como o comércio, a transformação artesanal de produtos e a medicina. Sob este aspecto, ainda que estas artes sejam provenientes da luz divina incutida no homem, seu planejamento e realização são frutos do intelecto e do ato humano. O mestre agrega, portanto, a sabedoria divina à sabedoria humana para realizar as artes em proveito das necessidades da pessoa.

Além da luz das artes mecânicas, Deus teria, segundo Boaventura, dado aos homens outra luz, que é a filosofia, e esta estaria diretamente ligada ao intelecto, por conseguinte, dirigida pela inteligência.

Esta luz divide-se em racional, natural e moral. [...] A filosofia racional considera a verdade do discurso; a filosofia natural, a verdade das coisas; e a filosofia moral, a dos costumes. – Isto pode ser apresentado de outro modo: assim como em Deus, ser supremo, devem-se considerar as razões de causa eficiente, formal (ou exemplar) e final, pois que ele é a <<causa de existir, razão de entender e norma de viver>>; [...] Assim, o homem fica iluminado em relação à verdade da vida, à verdade da ciência e à verdade da doutrina (BOAVENTURA, 1983, p. 208-209. Grifo nosso).

O conhecimento da filosofia possibilita ao homem interferir e comandar suas vontades no âmbito da subjetividade. Ela não trata das coisas práticas da vida, como as artes mecânicas, mas das coisas diretamente vinculadas à essência do ser humano, pois se vincula ao ser pessoa. Em virtude da importância deste conhecimento para a vida dos homens, o mestre franciscano a divide em três: a racional, a natural e a dos costumes. Essas três áreas do conhecimento filosófico são conduzidas, como já afirmamos, pela capacidade de cognição dos homens e em tese não é concreta como as artes mecânicas.

Contudo, ela se manifesta nas ações sociais das pessoas. O filósofo da natureza (físico para o mestre), ao estudar os fenômenos da natureza, auxilia, por exemplo, as artes da navegação, da agricultura, porque, teoricamente, entende e melhora a vida prática dos



homens, ainda que ele não aja na prática. Seu estudo resulta em benefícios para a sociedade. O filósofo da moral investiga os costumes dos homens e este estudo possibilita que ele compreenda determinadas atitudes da pessoa, observe aspectos éticos de dada comunidade. Pode, portanto, por sua ação investigativa, entender a natureza das relações sociais e promover mudanças nos costumes e práticas da pessoa, auxiliando o convívio da sociedade. O filósofo racional trata diretamente da comunicação entre os homens. Afinal, somente o homem, como ser racional, pode se comunicar pela linguagem e filósofo racional cria, realiza e analisa esta comunicação, ao que Boaventura designa como discurso.

E, como por três modos pode alguém exprimir através do discurso o seu pensamento, a saber: para notificar o que concebeu em sua mente, para mais excitar a fé, ou, para induzir ao amor ou ódio; por isso, a filosofia discursiva, ou racional, se divide em gramática, lógica e retórica, sendo que a primeira se ordena à expressão, à instrução e a terceira à persuasão. [...] (BOAVENTURA, 1983, p. 209-210).

Este terceiro ramo da filosofia, seguindo os passos de Boaventura, está diretamente vinculado à educação, ainda que todas as artes mecânicas e as filosofias, natural e moral, também estejam. É pelo uso racional de sua fala/linguagem que o homem se expressa, aprende, convive com os demais e se diferencia dos animais. Exatamente por isso o mestre destaca a importância da gramática, posto ser por ela, pelo conhecimento de regras de linguagem que os homens se expressam e realizam a maioria de suas ações intelectivas e práticas. Também é pela linguagem que o homem ensina e aprende, ao que o mestre denomina instrução. Cabe aqui uma observação: lembremos que, na Idade Média, nas aulas na universidade a oralidade ainda desempenhava importância essencial. O terceiro aspecto da filosofia racional, a retórica, também está relacionado com o discurso, ainda mais do que nas duas primeiras. A pessoa que faz o discurso precisa ter domínio da gramática e da instrução, pois precisa convencer o outro de sua ideia, precisa ter segurança da 'verdade' contida em sua mensagem.

Assim, a sabedoria filosófica ou luz da filosofia possibilita que o homem faça uso de seu intelecto e por meio deste conhecimento aproxime-se mais da perfeição divina. Pelas artes mecânicas, por seus saberes, por seu discurso, Boaventura aponta para os homens



a possibilidade de serem seres inferiores a Deus (o ser perfeito), mas superiores a tudo o mais que exista na terra.

Todavia, para que isso se torne possível e o homem seja um ser criador na terra, tal como Deus é o criador de todas as coisas, ou seja, faça bom uso da luz divina infundida nele, o mestre destaca na *Redução ...* um aspecto que é absolutamente importante e que depende totalmente do homem: saber, querer e fazer. Sem estas três condições não há criação de nenhuma arte, seja mecânica, seja filosófica.

Se, porém, considerarmos o efeito, intuiremos então a norma de vida. Porquanto todo o artífice tenciona produzir uma obra bela, útil e duradoura, e quando consegue reunir estas três qualidades, a obra se torna estimável e digna de aceitação. A estas três qualidades da obra correspondem outras três da norma de vida: <<saber, querer, e de modo incommutável e com perseverança obrar>>. A ciência torna bela a obra, a vontade torna útil, a perseverança torna estável. A primeira reside na potência racional, a segunda na potência concupiscível, e a terceira na irascível (BOAVENTURA, 1983, p. 213. Grifo nosso).

Inserido nesta idéia podemos destacar o fato de que o homem, para criar a ciência, deve ser um Ser que possui intelecto cognitivo, faça uso da razão, possua o livre arbítrio para dispor de suas vontades e, acima de tudo, tenha a 'perseverança' para fazer. Enfim, para o mestre, Deus dá a luz do conhecimento e o homem é totalmente dependente desta luz para tudo criar, mas, a partir dela, tudo o mais depende de sua vontade.

Após considerarmos estes aspectos humanos nas duas obras de Boaventura de Bagnoregio, quais sejam: a inteligência, a memória, os sentidos, as artes mecânicas e o conhecimento filosófico, indubitavelmente, vemos nelas a presença constante e essencial da premissa cristã que afirma que tudo no homem provém da vontade e da bondade divina. Todavia, não podemos também negar que o mestre franciscano, incansavelmente, ensina o homem a ser pessoa e destaca a possibilidade que este Ser tem em ser superior e criador na esfera inferior do universo. Evidentemente que o mestre parisiense está imbuído do espírito religioso e seus escritos estão carregados de religiosidade. Não podemos nos esquecer de que ele é um homem do século XIII, mas nem por isso seu ensino é menos válido para a vida cotidiana do homem de seu tempo.



Eis a questão: o problema não está na religião, mas na finalidade/intenção do que se ensina.



Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: UnB, 1985.
- BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. Redução das Ciências à Teologia. In: SÃO BOAVENTURA. **Obras Escolhidas**. (Org.). Luis Alberto de Boni. Trad. Luis Alberto de Boni; Jerônimo Jerkovic; Frei Saturnino Schneider. Porto Alegre: Sulinas Editora, 1983, p. 205-219.
- BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. Itinerário da Mente para Deus. In: **Boaventura de Bagnoregio**. Escritos Filosóficos. Porto Alegre, Edipucrs, 1999.
- CARVALHO, M. S. Redução ou Recondição? (Nota sobre Boaventura de Bagnoregio), **Revista Filosófica de Coimbra**, nº 9, p. 205-215, 1996, Coimbra.
- CHARTIER, R. **História no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.
- COMÊNIO. **Didáctica Magna**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.
- DELLA CASA, G. **Galateo ou dos Costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EADMERO. Vida de San Anselmo. In: **Obras Completas**. Madrid: BAC: Bibliotecas de Autores Cristianos, 1952, v. 2, p. 5-33.
- GRABAMANN, M. **Filosofia Medieval**. Barcelona: Labor, 1949.
- GILSON, E. **Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PIEPER, J. **A Filosofia Medieval y Mundo Moderno**. Madrid: Rialp, 1973.
- RIBEIRO, E. C. S. **O divino e o humano em Anselmo de Bec**: novos caminhos para a educação no século XI. Maringá: 2009, 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.



3er Congreso Latinoamericano
de Filosofía de la Educación



FFYL · UNAM · ALFE

**TOMAS DE AQUINO. *Unidade do Intelecto contra os averroístas.* Lisboa: Edições
70, 1999.**